

Direção futuro

OS SINAIS DE VITALIDADE DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO FRENTE À CRISE FINANCEIRA MUNDIAL

Se depender das previsões consolidadas no estudo Projeções do Agronegócio Brasil 2008/2009 a 2018/2019, assinado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e divulgado no final de outubro, o agronegócio não deve ser muito afetado pela crise financeira mundial, em função da queda dos estoques internacionais, particularmente de milho, trigo e arroz; do aumento acentuado do consumo e do processo de urbanização crescente, que implica na redução das áreas cultiváveis.



Os próximos 11 anos indicam cenário positivo para o agronegócio brasileiro, alicerçado em culturas como o milho, que alimenta projeções otimistas para 2018/2019.

“Não é a primeira crise que nós temos. A metodologia leva em consideração a existência de crises, numa série histórica de 32 anos. Nas projeções futuras, a pesquisa leva em conta a crise atual. Os alimentos são os últimos itens cortados.” Estas foram as palavras do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes ao apresentar à imprensa o estudo *Projeções do Agronegócio Brasil 2008/2009 a 2018/2019*, desenvolvido pela Assessoria de Gestão Estratégica, AGE, do Ministério. Naturalmente, mudanças climáticas de grandes proporções, novas medidas protecionistas impostas às exportações

brasileiras e recrudescimentos inesperados da recessão internacional podem impactar nas projeções até aqui otimistas.

De acordo com o coordenador-geral da AGE, José Garcia Gasques, que apresentou o trabalho, o Brasil tem inúmeros diferenciais positivos, como potencial de produção elevado e tecnologia de ponta para quase todos os produtos objetos do estudo, nos quais se destacam o complexo soja, além do trigo, milho, carnes, etanol e leite. “Outro elemento importante, em termos de competitividade, é a disponibilidade de recursos naturais.” Gasques destaca: “Estas proje-

ções permitirão identificar trajetórias possíveis e estruturar visões de futuro do agronegócio no contexto mundial, para que o Brasil continue crescendo e conquistando novos mercados.”

A extensa pauta agropecuária A produção de grãos – milho, soja, trigo, arroz e feijão – e carnes (bovina, suína e de frango) deve crescer expressivamente, de acordo com o estudo. No primeiro caso, passará de 139,7 milhões de toneladas, em 2007/2008, para 180 milhões, em 2018/2019. As carnes, por sua vez, passarão de 24,6 milhões de toneladas, em 2008, para 37,2 milhões, em 2018. No perío-

do abrangido pelo estudo, 52% da produção de soja e milho terão o consumo interno como principal endereço. Nas carnes, do aumento previsto na produção, de 12,6 milhões de toneladas, 50% deverão ser consumidos em terras brasileiras.

Exibindo fôlego admirável, as exportações de carne bovina representarão 60,6% do comércio mundial, as de carne suína, 21% e as de carne de frango, 89,7%. China e Egito estão entre os principais mercados de destino. O Brasil mantém, portanto, a liderança na exportação mundial de carnes bovinas e de frango.

Gráficos e projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mapa, são apresentados na página 2 desta edição.



OS NÚMEROS QUE AVALIZAM O OTIMISMO



Gráficos e tabelas assinados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mapa, retratam o vigor das perspectivas do agronegócio brasileiro nos próximos anos.

PROJEÇÕES ANIMADORAS

Produto	unidade	2007/2008	2018/2019	Variação (%)
Milho	mil toneladas	11.553,7	22.907,5	98,3
Soja	mil toneladas	25.750	36.461,4	41,6
Suco de laranja	mil toneladas	2.136,3	2.796,8	30,9
Carne de frango	mil t equiv carcaça	3.615,5	6.602	82,6
Carne bovina	mil t equiv carcaça	2.400	4.626,6	92,8
Carne suína	mil t equiv carcaça	625	1.113,5	78,2
Açúcar	mil toneladas	21.000	32.637,1	55,4
Etanol	bilhões de litros	3,5	8,9	153,8
Algodão	mil toneladas	520	686,7	32,1
Farelo de soja	mil toneladas	13.200	15.030,6	13,9
Óleo de soja	mil toneladas	2.120	2.972	40,2
Leite	milhões de litros	1.051,5	2.087,3	98,5

Fonte: Mapa, 2008.

MUDANÇA DE POSIÇÃO NO MERCADO MUNDIAL

Relação exportações Brasil/comércio mundial

Produtos	2008 (%)	2018 (%)
Carne bovina	31	60,6
Carne suína	10,1	21
Carne de aves	44,6	89,7
Soja	36	40
Óleo de soja	63	73,5
Milho	13	21,4
Açúcar	58,4	74,3

Fonte: Mapa, 2008.

A soja está entre as culturas mais promissoras no cenário de um futuro que assegura bons ventos para a agricultura.

Grãos e carnes não estão sozinhos na relação das culturas que prometem agigantar a presença do Brasil no cenário internacional. Açúcar e etanol também entram na composição dessa receita de sucesso.

Maior exportador mundial de açúcar, com a oferta direcionada a mais de 120 países, o país produziu, em 2007/2008, segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar, Unica, 30,6 milhões de toneladas. O Mapa acrescenta mais 14,5 milhões de toneladas a esse total no período de 2018/2019. Para o etanol, o futuro parece ser ainda mais promissor: aos 22,4 bilhões de litros gerados em 2007/2008, o Mapa adiciona mais 37 bilhões de litros, no mesmo período futuro.

O estudo do Mapa não contempla a renda agrícola a ser contabilizada nos próximos anos. Em 2008, no entanto, os dados oficiais são dignos de comemoração. Números divulgados no *Informe de*

Economia Agrícola, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, indicam que em 2008 a renda gerada pelos 20 principais produtos agrícolas cultivados no país estará registrando elevação de 16%, alcançando R\$ 160,6 bilhões. A cifra deve superar em 9,3% o melhor resultado da série histórica do setor, registrado em 2003, quando a renda agrícola fechou em R\$ 147 bilhões.

PRINCIPAIS RESULTADOS E TENDÊNCIAS NA PRODUÇÃO

Carnes	milhões de toneladas	
	2007	2018
de frango	11,1	17,4
bovina	10,4	15,5
suína	3,1	4,3
Totais	24,6	37,2

Fonte: Mapa, 2008.

Grãos	milhões de toneladas	
	2007/08	2018/19
Soja	60,1	80,9
Milho	58,6	73,2
Trigo	5,4	7,9
Arroz	12,1	13,5
Feijão	3,5	4,3
Totais	139,7	179,8

ÁGUA DE LASTRO BRASIL: UMA ONG QUE PROMETE TRABALHAR PARA PROTEGER AS ESPÉCIES AQUÁTICAS BRASILEIRAS

Durante o V Seminário Brasileiro de Água de Lastro, promovido no início de novembro em Arraial do Cabo (RJ), foi lançada a organização não-governamental Água de Lastro Brasil, criada com o objetivo de contribuir para a proteção das espécies aquáticas nativas do Brasil contra a invasão de espécies exóticas trazidas pela água de lastro dos navios transoceânicos. Devido à sua extensa faixa litorânea e ao tráfego de embarcações mercantes internacionais, o Brasil é um dos países mais vulneráveis à bioinvasão. Diariamente, diversos navios atracam nos portos brasileiros, sem que haja controle efetivo das condições em que ocorrem as trocas da água de lastro nessas embarcações.

A água de lastro é a água captada do mar ou do rio e armazenada em tanques nos porões dos navios, com o objetivo de dar estabilidade às embarcações quando estão navegando sem cargas. Um navio que chega ao Brasil com água de lastro captada de outro país, por exemplo, pode trazer espécies aquáticas nocivas às espécies nativas brasileiras, além de organismos

patogênicos e tóxicos. Estima-se que cerca de 40 milhões de toneladas de água de lastro sejam lançadas no Brasil todos os anos.

“Embora o Brasil tenha uma lei que obrigue os navios a fazerem a troca da água de lastro a 200 milhas da costa, muitas embarcações não seguem esse procedimento e acabam descarregando a água quando atracam”, explica o Presidente da ONG, Newton Narciso Pereira, pesquisador da Escola Politécnica da USP. Ele acrescenta que não há leis que obriguem a fiscalização das embarcações operando nos portos nacionais. “Como a troca de água em alto-mar implica em maior gasto de combustível e risco de acidentes, muitos comandantes preferem driblar a lei.”

O perigo da invasão – A falta de controle da água de lastro já produziu casos concretos de bioinvasão no Brasil, com prejuízos sociais e econômicos. O caso mais conhecido é o do Mexilhão Dourado (*Limnoperna fortunei*), um molusco originário do sul da Ásia que foi introduzido no Brasil em 1998 por navios mer-

cantes, e tornou-se uma praga nas bacias do Paraná, Paraguai, Uruguai e Bacia Jacuí/Patos. Onde se dissemina, esse molusco passa a ocupar o lugar de espécies nativas. E, como não tem predadores naturais, todo o ecossistema começa a ser alterado com a presença do invasor. Nas usinas hidrelétricas, esse molusco também prejudica a operação de equipamentos submersos e obstrui tubulações, chegando a interromper as operações. “Organismos patológicos ou tóxicos também são um risco para a vida aquática nativa, a exemplo do fungo do caranguejo letárgico que está matando caranguejos em diversos estados do Nordeste”, alerta Pereira.

Mas não é só a água de lastro que pode trazer invasores. Incrustações nos cascos do navio, em tubulações, correntes, âncoras e hélices também podem servir de vetores para esses organismos. Por isso, a nova ONG, além de se dedicar aos estudos relativos à invasão de espécies aquáticas por água de lastro, também pretende contribuir na avaliação do impacto das incrustações nos cascos dos navios. “Trata-

se de um problema complexo, que exigirá uma atuação em diversas frentes”, diz Pereira.

Atuação multidisciplinar

– Constituída por um grupo de pesquisadores especializados em Engenharia Naval e Oceânica, Logística, Qualidade, Transporte Marítimo e Fluvial, e Planejamento Portuário pertencentes ao Centro de Inovação em Logística e Infra-estrutura Portuária, Cilip, a ONG pretende estabelecer parcerias com os setores públicos e privados para propor métodos de trabalho, baseados em pesquisas científicas, que inibam a contaminação da costa brasileira por espécies não-nativas e organismos patogênicos.

“Para minimizar o problema, é necessário que os órgãos governamentais estabeleçam políticas públicas para o gerenciamento da água de lastro, além de promover a conscientização de armadores, tripulação, órgãos do governo e agentes fiscalizadores para a gravidade da questão”, enfatiza. “Só com a participação dos setores envolvidos conseguiremos proteger nossas espécies aquáticas”, finaliza

PORTO DE SANTOS ENSAIA MOVIMENTOS DE AMPLIAÇÃO

Informações divulgadas pelas assessorias de imprensa da Secretaria Especial de Portos, da Codesp e do BID revelam que a Secretaria Especial de Portos da Presidência da República, SEP, a Companhia Docas do Estado de São Paulo, Codesp, administradora do Porto de Santos, e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID, estiveram reunidos no final de outubro com a proposta de iniciar os trabalhos voltados à elaboração do Plano de Desenvolvimento e Expansão do Porto de Santos, um dos projetos que compõem a carteira da Iniciativa de Integração Regional Sul-Americana. O Ministro-Chefe da SEP, Pedro Brito, assinou a Carta Convênio com o BID, em 12 de de-



O Plano de Desenvolvimento e Expansão do Porto de Santos está sendo coordenado pela Secretaria Especial de Portos, Codesp e BID.

zembro de 2007, que possibilitou a cooperação técnica não reembolsável, objetivando a elaboração do Projeto.

O Ministro destacou que o

estudo, que tem prazo de dez meses para ser concluído, analisará diversas alternativas para a expansão das instalações, indicando possibilidades para aquele que

será o maior investimento no setor portuário da América Latina nos próximos anos. Brito lembrou que só é possível considerar a expansão do Porto de Santos com a garantia da execução do projeto de aprofundamento do canal de navegação. A expectativa é realizar a licitação para contratação dos serviços até o final de 2008.

A operação, uma cooperação técnica da Codesp com o BID, tem valor total de US\$ 1,3 milhão. A execução do projeto ficará a cargo do BID. A Codesp apoiará a supervisão do estudo, que será realizado pelo consórcio The Louis Berger Group e Internave Engenharia, vencedor de licitação internacional.

HOMENAGEM AO PRODUTOR RURAL QUE GERA RENDAS E DIVISAS PARA O BRASIL



FOTOS: ALVARO MOTA

Sérgio Waldrich, Presidente da Bunge Alimentos; Joci Piccini, produtor rural homenageado na categoria Meio Ambiente; Paulo César M. Tinoco, Vice-Presidente da Bunge Fertilizantes.

Sérgio Waldrich; Dymphnus Jose Chritoffel de Geus, premiado na categoria Produtividade Soja; Paulo César M. Tinoco.

Pelo quinto ano consecutivo, a Bunge homenageou – com o *Destaque Bunge Agricultor Brasileiro* – 15 produtores rurais de diferentes regiões do país, representadas pelos estados da Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. “É gratificante premiar agricultores que fornecem produtos para compor a mesa dos brasileiros e de pessoas de muitos outros países. Temos de valorizar esses profissionais do campo, que se diferenciam pela qualidade do trabalho e pela produtividade, além do envolvimento com questões vitais, como sustentabilidade, responsabilidade social e desenvolvimento das comunidades junto às quais atuam”, destacou o Presidente da Bunge Alimentos, Sérgio Waldrich,

na cerimônia realizada no dia 13 de outubro, no hotel WTC, em São Paulo (SP).

Sustentabilidade, Meio Ambiente, Responsabilidade Social, Inovação, Parceria e Produtividade (relacionadas às culturas de algodão, arroz, café, cana-de-açúcar, milho, soja e trigo) foram as categorias contempladas. Paulo César M. Tinoco, Vice-Presidente da Bunge Fertilizantes, reforçou que a divulgação dessas iniciativas de sucesso contribui para a sustentabilidade do agronegócio brasileiro. “Temos a confiança, e mais do que isso, a certeza, de que essa homenagem contempla aqueles que estão conseguindo vencer os desafios do agronegócio.”

Fórum de Sustentabilidade de Produção Agrícola Sus-

tentável e Consumo Responsável foram os assuntos abordados no fórum que, antecedendo a cerimônia de homenagens, reuniu cerca de 200 pessoas, entre produtores rurais, imprensa, organizações não-governamentais, autoridades, representantes de indústrias e associações de classe, e executivos da Bunge.

Participaram das palestras e debates especialistas no setor, como André Pessoa, da Agroconsult; Amarílio Macedo, Presidente da JMacedo, Ariosto Riva, Vice-Presidente da Bunge Fertilizantes; Evaristo Miranda, da Embrapa; Luis Fernando Laranja, Diretor da WWF Brasil; Helio Mattar, do Instituto Akatu; Sergio Waldrich e Manoel Araújo, Diretor Executivo da área alimentar do Carrefour.

Em cerimônia especial, a Fundação Bunge reverencia a pesquisa e a produção intelectual do Brasil



LUI POLINESIO

Carlo Lovatelli, Vice-Presidente da Fundação Bunge; Nilson Augusto Villa Nova; Jacques Marcovitch, Presidente da Fundação Bunge; Mariana Ianelli, Genei Antonio Dalmago; Paulo Bomfim.

A entrega do Prêmio Fundação Bunge e do Prêmio Fun-

dação Bunge Juventude reuniu em setembro, no Palácio

dos Bandeirantes, sede do Governo do Estado de São Paulo, cerca de 800 pessoas. Entre os presentes, executivos das empresas Bunge, imprensa e personalidades do universo artístico, cultural e científico. Nilson Villa Nova, Genei Dalmago, no ramo de Agrometeorologia; Paulo Bomfim e Mariana Ianelli, na área de Literatura, receberam medalhas de ouro e prata, diplomas em pergaminho e premiação em dinheiro.

BUNGE ANUNCIA NOVOS MOVIMENTOS DE EXPANSÃO

A Bunge do Brasil e a Itochu, uma das principais *tradings* globais do Japão, no mercado há 150 anos, anunciaram em setembro a estruturação de duas *joint ventures* para produção de açúcar e álcool no Brasil. Por meio da primeira, a Itochu adquire 20% de participação na usina Santa Juliana, adquirida pela Bunge no ano passado. A usina tem capacidade para processar 1,6 milhão de toneladas de cana/ano, que deverá ser ampliada para 4,2 milhões de toneladas/ano.

A segunda *joint venture* prevê o desenvolvimento de um projeto *greenfield* em açúcar e álcool. Nessa iniciativa, a Bunge investirá 80% dos recursos e a Itochu 20%. As empresas pretendem alocar recursos da ordem de US\$ 800 milhões nas *joint ventures*. Para ambos os projetos, a expectativa é de atingir a plena capacidade de produção nos próximos quatro anos.

A Itochu Corporation atua nas áreas têxtil, de máquinas, informática, telecomunicações, metais, energia, produtos para consumo, produtos químicos, alimentos, entre outros. Hoje, o grupo possui cerca de 650 empresas coligadas e 45.000 funcionários. O faturamento consolidado do ano fiscal de 2007 foi de US\$ 120 bilhões.

Processamento de sementes de girassol de última geração na Rússia

– A cerimônia de inauguração da nova planta de processamento de sementes de girassol da Bunge foi realizada no dia 31 de outubro, em Kolodeznoye, na região de Voronezh, Rússia. A simbólica fita vermelha foi cortada pelo Vice-Primeiro Ministro, Viktor Zubkov, o Governador de Voronezh, Vladimir Kulakov, e o Chairman e CEO da Bunge, Alberto Weisser. A refinaria, uma das mais modernas do território russo, utiliza tecnologias de classe mundial para as operações de esmagamento, refinação, engarrafamento e distribuição.

A unidade possui capacidade anual de esmagamento de cerca de 550 mil toneladas de sementes de girassol, de refinação e engarrafamento de óleo de girassol de aproximadamente duzentos milhões de litros ao ano e de produção de ração animal de 200 mil toneladas. O investimento total foi de US\$ 170 milhões.

